

LÍNGUA, DISCURSO E PRÁTICAS DISCURSIVAS: EM CENA, UM TEXTO JORNALÍSTICO

Maria Luceli Faria Batistole¹
Marlene Durigan²

RESUMO

Preocupadas em buscar, nas correlações entre estrutura linguística e estrutura social (especialmente a que está à margem), as transformações e as posições sociais assumidas pelos *aparelhos* simbólicos que permeiam o cotidiano no âmbito das redes sociais, dos agrupamentos e coletividades, dando forma ao ir e vir das *versões* ali circulantes, analisamos uma matéria jornalística, aqui tomada como objeto de análise e como discurso, na perspectiva teórica das contribuições da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001).

Palavras-chave: representação social, discurso, identidade.

Introdução

O objeto de análise deste ensaio é um texto publicado na *Revista ISTO É* nº 1455, de 20-08-1997, sob o título “Lobas e carneirinhos”. A referência a “texto jornalístico” já conduz o leitor a um objeto linguístico específico, com diagramação determinada, para, com base nele, encontrar o resultado da manifestação verbal do jornalista-autor, os atos linguísticos que realizou e que determinam a posição do enunciador diante dos fatos enunciados: o texto como unidade subjacente ao discurso.

Assim, não se trata, apenas, de um corpo linguístico, mas de um “espaço”, de uma materialização em que o eu ideológico, o eu social, o eu cultural deixam as suas marcas, reveladoras de práticas discursivas, das relações entre o texto e a ordem social vigente, de efeitos de sentido decorrentes de aspectos sistemáticos da estrutura linguística (planos mórfico, sintático e lexical). As considerações de ordem teórica e o percurso metodológico ancoram-se em contribuições da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001); a análise explora pistas textuais, que permitem a re-

¹ Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – *campus* Tangará da Serra. E-mail: lucelibatistote@hotmail.com

² Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul – UFMS – *campus* Três Lagoas. E-mail: durigan@ceul.ufms.br

construção do evento da enunciação ou sua re-produção conforme vivências e experiências (VOGT, 1980), processos que exigem que se considerem as condições de produção, o plano geral e a tipologia do texto, o conjunto de influências externas, as seleções e combinações operadas.

Embora tomemos como objeto de análise o tempo do acontecimento “Lobas e carneirinhos”, focalizamo-lo como o espaço em que os modelos, as normas, as tradições, as vozes, as instituições, enfim, são (re)interpretados por ela num outro tempo e num agora cujas representações “atuais” congregam presente, passado e futuro, enraizando, ali, traços identitários. Importa destacar que os conteúdos do texto são orientados pelo contexto “construído” no momento da dialogia e evidenciam posicionamentos identitários permeados por relações de poder e pelo saber.

Fragmentos de teoria: a ADC

Nossa análise considera a relação entre prática social e estrutura social, em que “a última é tanto uma condição como um efeito da primeira” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). O discurso, por seu turno, “contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social” e é “moldado e restringido [...] pela classe e por outras relações sociais em um nível societário” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Assim, o discurso é uma prática de representação do mundo e, ao mesmo tempo, de significação desse mundo: contribui para a construção de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimento e crença, cuja reprodução e cujas transformações (possíveis) cabem às práticas discursivas. Disso decorre que “a constituição discursiva da sociedade emana “[...] de uma prática social [...]firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (idem, p. 93).

Se a prática discursiva pode orientar-se econômica, política, cultural e ideologicamente, o discurso deve ser abordado como modo de prática política e ideológica. Como prática política, pode estabelecer, manter ou transformar as relações de poder e as próprias entidades coletivas entre as quais essas relações se estabelecem; como prática ideológica, cabe ao discurso constituir, naturalizar, manter ou também transformar os diversos significados do mundo em relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Gênero, poder e práticas sociais

A problematização das convenções sociais pertinentes ao gênero tem suas bases em contradições entre posições de sujeito e relações masculino *x* feminino, de que nascem “dilemas”, cujas tentativas de solução encontram-se em processos de adaptação, de que decorrem as mudanças discursivas. O que decisivamente determina a forma como as contradições refletem-se em eventos específicos é a relação desses eventos com as lutas que se desenvolvem ao redor das contradições (FAIRCLOUGH, 2001, p. 127). Das alterações em busca da solução das contradições, surgem as mudanças nas ordens do discurso, “novas hegemonias discursivas”. Observa-se que elementos autoritários coexistem com elementos igualitários e democráticos; também coexistem resíduos de imposição inflexível de regras, normas e convenções (não hegemônicas) com a flexibilidade resultante das “novas” relações. Essas mudanças discursivas surgem como efeitos da mudança social e cultural (FAIRCLOUGH, 2001): há a redução de marcadores explícitos de assimetria de poder entre *pessoas* com poder desigual (democratização do discurso); personalização sintética: o que era ordem agora é *conselho*, como resultado da *democratização* da sociedade.

Preocupadas em buscar, nas correlações entre estrutura linguística e estrutura social (especialmente a que está à margem), as transformações e as posições sociais assumidas pelos *aparelhos* simbólicos que permeiam o cotidiano no âmbito das redes sociais, dos agrupamentos e coletividades, dando forma ao ir e vir das *versões* ali circulantes, escolhemos uma matéria jornalística, aqui tomada como objeto de análise e como discurso.

Nessa linguagem como prática social, buscamos estudar processos ideológicos mediadores de relações de controle social e, pois, de poder. Para tanto, importa dizer que, na acepção de Foucault (1980), o discurso se refere aos modos (não exclusivamente linguísticos) de organizar o significado, aos sistemas de poder-saber em que assumimos posições de sujeito. O significado não é, portanto, produzido por *vontade* de um sujeito unitário ou por determinação de um sistema linguístico ou relações sociais e econômicas. Ele o é por sistemas de poder e saber impostos pelas instituições sociais. Esses sistemas definem o que pode ser dito e pensado num determinado tempo ou lugar. E nessa ordem e nesse *real* social, bem como na

consciência que os sujeitos têm deles (da ordem e do real), situa-se a ideologia, que implica intersecções entre sistemas de crença e questões de poder e dominação (desigualdade, portanto), seja no domínio do gênero, seja no da etnia, da classe ou da religião.

As práticas discursivas têm grandes efeitos ideológicos, pois, pelo modo como representam a realidade e posicionam os sujeitos, podem contribuir para a produção e reprodução de relações de poder desiguais. Enquanto prática social, o discurso conduz ao estabelecimento de uma relação dialética entre si e a estrutura social: a estrutura social é, ao mesmo tempo, condição e efeito da existência do discurso. Fairclough (1985) acrescenta que a tarefa do analista crítico é relacionar o evento discursivo (“micro-evento”) ao social (à macroestrutura) e “desnaturalizar” o que foi assumido como baseado na natureza das coisas ou pessoas. O sentido é uma construção social, coletiva e interativa, por meio da qual “as pessoas, na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta” (SPINK e MEDRADO, 2004, p. 41).

Esboços de análise

O primeiro contato do leitor com o texto opera-se no sumário da revista: uma foto e a chamada: “VIDA MODERNA: Quarentonas como a cantora Elba Ramalho quebram tabus e assumem romances com garotões”. Produzido por Clarisse Meireles e Luisa Alcalde, o texto ocupa duas páginas, traz fotos de casais e um *lead*: “Sem medo de preconceito, mulheres maduras assumem romances com homens mais jovens”. Considerando a coexistência de material verbal e não verbal, o pré-texto, os textos visuais, o *lead*, a seção em que se insere a matéria e a recorrência de traços semânticos pertinentes a seres humanos, constata-se que não se trata de uma fábula. Uma primeira leitura garante a expectativa do leitor: o texto faz referência a relacionamentos marcados por diferença de idade e apresenta-se como uma produção de natureza expositivo-argumentativa, trazendo comentários quanto ao processo de liberação feminina, argumentos por provas concretas (relatos de experiências) e argumentos de autoridade acerca das origens do “fenômeno”. São sete as experiências relatadas, das quais apenas a última - na sequência imposta pelas autoras - fracassou. A conclusão

principia com um comentário acerca do relevo assumido por esse tipo de relacionamento na TV e desenvolve-se por exemplificação. A despeito dessas marcas, que conduziriam à identificação de marcas do discurso feminista, não há apenas uma interpretação inscrita no texto: a enunciação encaminha a outro “plano de sentido” (FIORIN e SAVIOLI, 1996): a visão preconceituosa das enunciantoras, que desemboca num contraste entre os universos masculino e feminino.

Começamos pelas estruturas linguísticas “quarentonas” e “garotões” / “lobas” e “carneirinhos”. No primeiro par, o aumentativo sugere aproximação, porém os lexemas criam oposições e acentuam diferenças: em “quarentonas”, a ênfase à idade; em “garotões”, à juventude. Já os sufixos não são usados para acentuar dimensões; não se trata, especialmente em “quarentonas”, de flexão, mas de derivação: altera-se a classe gramatical e o sentido. Merecem destaque os valores diferentes, os diferentes efeitos de sentido: para o masculino, o aumentativo é “valorizador, salientando a solidez, a força, um atributo admirável” (MARTINS, 1989, p. 115); no feminino, reveste-se de sentido depreciativo (avaliação negativa). Ressalta-se a força expressiva dos sufixos, nos quais (vistos da perspectiva da Estilística) “a descarga de paixões se dá com maior energia” (LAPA, 1975, p. 105). Quanto ao segundo par, tanto no plano mórfico, quanto no léxico-semântico-discursivo, as diferenças acentuam-se. Opõe-se “grau normal” a “grau” diminutivo e cria-se uma relação de oposição que o conector “e” (em princípio responsável por uma relação conjuntiva) apenas camufla. O conectivo de propósito generalizante, que dá ao interlocutor a opção pela interpretação “que lhe pareça mais conveniente no contexto” (PINTO, 1994, p. 131), cria uma aparente relação de harmonia que não se sustenta na leitura global do texto: os nomes sobre os quais se estrutura o título ativam nossa memória textual, permitindo inferir-se que se vai insinuar uma relação de poder ou de confronto, uma vez que os primeiros textos que se nos apresentam para o diálogo são a fábula de La Fontaine e o conto de Perrault, em cujas histórias se constrói a imagem do lobo como enganador e mau e do cordeiro e Chapeuzinho Vermelho como frágeis, puros; qualidades exploradas pelo lobo (nas histórias) e pelas autoras (quando escolhem o sufixo-inho para acentuar o valor afetivo já contido no lexema).

Os lexemas evocam para o diálogo a voz dos dicionários e a dos mitos, em que “lobo” surge revestido de conotações de poder, ao passo que “carneiro” apresenta-se

com os semas não-poder, fragilidade, bondade. Metaforicamente, associado aos traços “humano” e “macho”, “lobo” aplica-se ao homem não muito jovem que “assedia mulheres apenas para usá-las para seu próprio prazer”; “carneiro” surge como “que tem carne, passivo, sofredor, obediente”, mas também como “ardente, macho, instintivo, símbolo da força genésica que assegura a recondução do ciclo vital” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988), sentidos que se encaixam no texto e justificam a não-escolha de “cordeiro”, por assumir conotações religiosas (‘imaculado’, ‘vítima sacrificável’). Já o feminino “loba” incorpora valores que se aproximam do conceito de encarnação do desejo sexual; imagem recorrente e manifesta pelos sintagmas “poder libidinal”, “exercer a libido”, “sexo”. Ressalte-se que o termo “loba” já foi empregado como sinônimo de “meretriz velha” (de onde, possivelmente, a expressão “idade da loba”). Quanto à mitologia, a voz que ecoa no texto é a da Loba de Marmoliceu, ama-de-leite de Aqueronte, usada como ameaça às crianças e sugerindo poder.

Menos preconceituoso, surge o *lead*: “Sem medo de preconceito, mulheres maduras assumem romances com homens mais jovens”. Anteposta, a frase que modaliza todo o enunciado parece acentuar a ousadia das mulheres e sua capacidade de enfrentar os preconceitos, permitindo ao leitor inferir o modo como a instância enunciativa concebe o fato; todavia a construção abriga o pressuposto de que há discriminações quanto ao tipo de relacionamento discutido no texto. Posposta, representaria o modo como o processo ocorre. Importante destacar, também, a considerável diferença entre “quarentonas” e “mulheres maduras”, de um lado; “garotões” e “homens mais jovens”, de outro. “Mulheres” e “homens” surgem diferenciados apenas pelo sexo; “maduras” reveste-se de conotações positivas, apesar de ainda deixar a marca de “que já não é moço”; “garotões”, por sua vez, substitui-se por “homens mais jovens”. O mecanismo da substituição favorece a progressão do texto, mas opera como uma ruptura: os sentidos negativos criados no sumário e implícitos no título parecem desfazer-se ou atenuar-se, mas o título é ambíguo: tanto pode remeter à relação de poder, quanto à de maldade, se analisado pela perspectiva daqueles para quem o herói representa o “bem”.

A introdução do texto traz de volta os sentidos anteriormente criados:

Trocar uma mulher de 40 anos por duas de 20 é uma antiga piada

machista. Relacionamentos marcados por uma grande diferença de idade entre os parceiros não são, de fato, uma novidade no universo masculino. Só que agora, as quarentonas, em plena idade da loba, saíram da toca e estão se permitindo viver os prazeres de uma relação com rapazes bem mais novos.

Esse é um enunciado do tipo situacional (PINTO, 1994), cujos conteúdos reproduzem o universo de referência: o enunciador assume a responsabilidade sobre a (pres) suposta verdade enunciada, conduzindo o leitor a aceitá-la, conforme se atesta na força argumentativa do operador de fato, acentuada pelo emprego do presente do indicativo, com valores modais (verdade absoluta) e aspectuais (frequentatividade e duração), que se confirmam na perífrase de gerúndio estão se permitindo. O discurso revela um saber e tende a uma impessoalização, apresentando as evidências como compartilhadas pelos leitores. Destaca-se o emprego do infinitivo como núcleo do sujeito, produzindo dinamismo e noções de iteração, bem como o sentido do lexema de *trocar* (aplicado a mulher), cujos semas seriam compatíveis com objetos não humanos e não animados. Os recursos linguísticos orientam para o tipo de conclusão que a enunciação deseja: assinalam a força ilocutória do enunciado e criam no interlocutor o *dever de crer*.

Também merece relevo a construção de natureza passiva que funciona como sujeito do segundo período, em que o núcleo (relacionamentos), dinâmico, subordina-se, semanticamente, a um agente estático, representado, linguisticamente, pelo núcleo *diferença*, lexia em torno da qual são construídos os sentidos do texto. Ressaltem-se os adjuntos que modalizam esse substantivo, enfatizados, no primeiro período, pelos números, e reforçados, neste, pela natureza do lexema do adjetivo e pela anteposição, além da recorrência do substantivo “quarentonas”, que surge em contraste com “rapazes bem mais novos”. Observe-se também a dupla intensificação do adjetivo, acentuando a ideia da diferença de idade. Finalmente, há os conteúdos semântico-ideológicos de *piada* e *machista*, povoando o texto de efeitos de sentido (negativos) e sugerindo confrontos.

Analisando as metáforas zoomórficas “idade da loba”, “saíram da toca” e a perífrase “estão se permitindo”, infere-se, subjacente à noção de poder fazer, a avaliação negativa (permissividade), que se vai confirmar adiante no comentário apresentado à fala de uma das entrevistadas. Ressalte-se o tipo de articulador escolhido (“só que”) e

o fato de ser precedido de ponto (fortalecendo a noção de quebra de expectativa). Trata-se de um juízo intelectual avaliativo, embora não lexicalizado, sugerindo uma relação entre oportuno *x* inoportuno; normal *x* anormal; dados que se podem inferir, também, a partir dos sentidos que a expressão “em plena idade da loba”, anteposta ao verbo, evoca. Se o conector for concebido como um relator de contrajunção, prevalecerá o argumento por ele introduzido, destacando um outro sentido: uma avaliação positiva da “reação” feminina aos valores masculinos. Esta leitura não se sustenta, porém, na sequência, mesmo que se queira orientá-la para a conclusão de que, assim como os homens usam as mulheres, elas também podem fazê-lo, como se sugere no comentário sobre Elba Ramalho: “Ela prefere garotos. Depois de Maurício Mattar, a vez do modelo gaúcho”. Ali, apesar de sugerir-se que ela pode escolher e trocar quando quiser, constrói-se também uma imagem negativa da cantora: a daquela que escolhe suas “presas”, que troca de parceiro, conotando promiscuidade.

O percurso de argumentação constrói-se com a evidência das provas: argumentos de autoridade, fotos, números, exemplos; porém desencadeia-se, no texto, outro plano de sentido:

No mundo artístico não faltam exemplos. A atriz Renata Sorrah, 48 anos, assumiu recentemente o namoro com o também ator André Gonçalves, 20 anos. A expressiva diferença de idade não causa constrangimentos à intérprete da cafetina Zenilda, da novela [...]. Tanto é que o casal é visto sem disfarces na noite do Rio. Esse desprendimento é natural para mulheres de sucesso [...] Bem sucedidas profissionalmente e donas de uma recheada conta bancária, essas senhoras estão se dando o direito de exteriorizar o próprio desejo por um corpo jovem [...]. Foi assim com a atriz Suzana Vieira, 50 anos, casada há 11 anos com Carson Gardeazabal, 15 anos mais novo. ‘Continuo bela, com sex-appeal e, como não preciso de homem para me sustentar, me dou o desfrute de amar e de beijar na boca quem eu quero’, afirma, sem nenhum pudor. Menos explícita, a cantora Daniela Mercury assumiu há seis meses o namoro com o estudante [...] Marcelo porciuncula, 25 anos.

O processo de progressão textual, garantido pela colocação por contiguidade semântica e desencadeado pelo sintagma “mundo artístico”, cria um sentido de representação, já esboçado no *lead*, pela forma “romances”: “descrição exagerada ou fantasiosa; enredo de coisas falsas”; ou, na acepção do texto, “caso”; ou, ainda, uma espécie narrativa caracterizada pela ficcionalidade, fundada na colocação

illocutória do autor para construir um texto na base de uma atitude de fingimento (REIS e LOPES, 1988, p. 43-46); sentido que se reitera em “atriz”, “ator”, “intérprete”, “novela”.

Observem-se, ainda, os valores de “expressiva”, “não causa constrangimentos”, “cafetina”, “sem disfarces”, “sem nenhum pudor” e a pontuação que precede este último enunciado, marcando claramente a presença do enunciador: se a construção fosse apenas o circunstante de “afirma”, não seria precedida da vírgula. A dos operadores permite referências diferentes: de um lado, a coragem de assumir; de outro, o ridículo da situação, sentido que se acentua em: “Esse desprendimento é natural para mulheres de sucesso”. Isso se confirma na sequência, onde, além da anteposição da causa presumida, são deixadas outras marcas reveladoras: “Bem sucedidas profissionalmente e donas de uma recheada conta bancária”. A anteposição da oração causal, com a opção pela forma reduzida, ao mesmo tempo camufla e acentua os elementos que figurariam como motivos centrais desses relacionamentos. Acentua, porque se antepõe; camufla porque surge sem articulador. Ressalte-se o sarcasmo (explícito em “essas senhoras”, mas disfarçado pela voz do outro) e a avaliação negativa em “sem nenhum pudor” e “menos explícita”.

As enunciativas fazem o texto progredir, comentando mais uma relação bem sucedida - agora alheia ao mundo artístico - e começando a “preparar” o leitor para a conclusão: relatam a experiência frustrada de uma pedagoga paulista com um rapaz “20 anos mais novo”, assim introduzida: “Os temores não são infundados e a falência de várias relações mostra que não é fácil administrar no dia-a-dia as diferenças”. Embora tenham comentado apenas um caso do mundo não artístico e apenas uma relação mal sucedida, envolvendo uma pedagoga (que não teria “recheada conta bancária”), o enunciado surge como onticamente factual, sob a aparência de evidências comuns. Isto se atesta pelo uso do presente do indicativo e do plural, que permitem ao enunciador um considerável distanciamento em relação aos enunciados.

Do real factual, chegam ao mundo ficcional, realçando o relevo que têm assumido, nas novelas de TV, os relacionamentos marcados por diferença de idade. O exemplo citado é o de Rodrigo Santoro, que representou personagens masculinos que se apaixonavam “por uma balzaca”. Além das conotações negativas que assume a redução, em “balzaca”, o enunciado que segue também é modalizado negativamente pela

anteposição do argumento “diferença de idade” e pela escolha do articulador, tornando o conteúdo do argumento mais relevante que o seguinte: “Além da diferença de idade, o namoro provocou polêmica por Santoro ser disputado por mãe e filha na trama”. O texto encerra-se com o retorno à “vida real”, em que “ele namora a modelo Luana Piovani, de 20 anos, e garante que nunca flertou com mulheres mais velhas”.

A conclusão é conduzida: do caso real, fracassado, passa-se por dois fracassos na TV, chega-se ao *real*, destacando-se a vida de Santoro, como se as autoras dissessem à leitora ou às mulheres *mais velhas*: não se iluda(m); fora da vida real, eles desempenham papéis; na vida real, querem mulheres jovens. Assim, após transitarem pelo mundo fantástico, via linguagem fabular, aliado ao das representações, trazem à tona o mundo real, onde, apesar dos traços que caracterizam o novo universo feminino, às mulheres maduras parece não ser outorgado o direito de se apaixonarem por homens mais jovens.

Considerações finais

A análise da materialidade linguística evidenciou a visão (preconceituosa) que permeia a sociedade: o discurso das autoras é o discurso hegemônico que circula em uma sociedade machista. Como o fato ético é temporal, uma vez que o comportamento humano se modifica de acordo com o desenvolvimento social, a semântica do discurso refrata a visão de mundo dos enunciadores e também a dos leitores, tornando a mensagem um novo campo de discussão. O texto mantém-se, todavia, como uma unidade de organização linguística, em que as configurações modais, temporais e aspectuais adquiriram contornos advindos das estruturas sintático-semânticas utilizadas, ratificando a temática proposta, evidenciando oposições ou adequando-se aos diferentes segmentos informativos e revelando valores socioculturais e ideológicos. O discurso, por seu turno, é o *locus* em que a palavra vive em processo contínuo de ajuste entre indivíduo e sociedade, entre sujeito e poder.

Um percurso de leitura, mesmo que se realize pela desmontagem dos fios que o texto entrelaça e oferece ao processo de recepção, situado entre o dizer e o dito, não consegue preencher os vazios do texto. Assim, esta foi uma das leituras possíveis, subordinada a valores individuais e socioculturais, que não serão os mesmos para outros leitores.

Referências

- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto*. São Paulo: Ática, 1996.
- INDURSKY, F. e ZINN, M. A. K. *Leitura como suporte para a produção textual*. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*. p. 5-6, p. 77-96, 1985.
- KLEIMAN, A. *Leitura e gramática*. In: *Proleitura*. UNESP, nº 6, p. 6, 1997.
- KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 8. ed., Coimbra: Almedina, 1975.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1989.
- MEIRELES, C. e ALCALDE, L. *Lobas e carneirinhos*. *Revista ISTO É*. São Paulo, nº 1455, p. 96-7, 20 ago. 1997.
- PINTO, M. J. *As marcas linguísticas da enunciação*. Rio de Janeiro: Numen Ed., 1994.
- REIS, C. e LOPES, A. C. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- VOGT, C. *Linguagem, pragmática e Ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980

LANGUAGE, DISCOURSE AND DISCOURSIIVE PRACTICES: IN SCENE, A JOURNALISTIC TEXT

ABSTRACT

Concerning in searching, between linguistic structure and social structure correlations (specially that one which is in the margin), the transformations and social positions assumed by the symbolic "equipment" that permeate the quotidian in the social frame, the cluster and collectivity, giving shapes to the "versions" going and coming, that circulates over there, we analyze a journalistic new, as analysis and discourse object taken, on the theory perspectives of the Discourse Critic Analysis contributions (FAIRCLOUGH, 2001).

Keywords: social representation, discourse, identity.